



## **Guimarães Rosa contra a História: a evasão do tempo em “Se eu seria personagem”.**

Amanda Teixeira da Silva<sup>1</sup>

Artigo Recebido em: 29/03/2019  
Artigo Aprovado em: 14/04/2019

### **RESUMO**

O presente artigo pretende discutir a relação de Guimarães Rosa com a História. Através de estudos genéticos conduzidos graças a declarações pessoais, cartas, marginalia e, principalmente, estudos para a obra, buscou-se compreender quais autores embasaram a construção de sua ficção. Para atingir esse objetivo, foi essencial acessar, *in loco*, o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), onde encontram-se os manuscritos do autor, bem como os livros que constavam em sua biblioteca quando faleceu. Conhecido como um escritor pouco engajado e associado frequentemente a espectros políticos de direita, Guimarães Rosa afirmou, frequentemente, ser “contra a História”. Por este motivo, procurou-se, aqui, perscrutar essa suposta “cultura anti-histórica” rosiana. A partir do estudo do conto “Se eu seria Personagem”, publicado no livro “Tutaméia”, conclui-se que, em sua tentativa de “fugir do tempo”, Rosa contou com a parceria de filósofos e historiadores antigos, mas, principalmente, com autores religiosos – tanto ocidentais quanto orientais – que defendem as ideias de “destino”; “providência divina” ou “wu-wei”.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. História. Literatura. Evasão do Tempo.

### **Guimarães Rosa against History: time avoidance in "Se eu seria personagem".**

### **ABSTRACT**

The present article intends to discuss the relationship of Guimarães Rosa with History. Through genetic studies conducted thanks to personal statements, letters, marginalia and, mainly, studies for the work, it was tried to understand which authors supported the construction of its fiction. To achieve this goal, it was essential to have access to the collection of the Institute of Brazilian Studies (IEB / USP), locating the author's manuscripts, as well as the books that were in his library when he died. Known as a poorly engaged writer and often associated with right-wing political specters, Guimarães Rosa has often claimed to be "against history." For this reason, an attempt was made here to examine this alleged "anti-historical" culture. From the study of the "Se eu seria personagem" tale, published in the book "Tutaméia", it was concluded that in her attempt to "flee from time", Rosa counted on the partnership of ancient philosophers and historians, but mainly with religious authors - both Western and Eastern - who espouse the ideas of "destiny"; "Divine providence" or "wu-wei."

**Keywords:** Guimarães Rosa. History. Literature. Evasion of Time.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Cariri – UFCA. Doutora em História pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – UFCA. Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5375830834404417>. Endereço eletrônico: [amanda.teixeira@ufca.edu.br](mailto:amanda.teixeira@ufca.edu.br).



## 1 INTRODUÇÃO

**A**s relações entre História e Literatura existem desde a Antiguidade. No entanto, com o tempo, essas relações foram relegadas a segundo plano, especialmente no século XIX, quando a História se institucionalizou como ciência, e voltaram a se tornar mais fortes apenas a partir da chamada “virada lingüística” (*linguistic turn*), no final do século XX. A expressão que dá nome a essa nova perspectiva historiográfica foi cunhada para nomear uma revolução no estudo das humanidades, cujos principais idealizadores deixavam de “ter como guia a referência na realidade para privilegiar a maneira como ela é verbalmente trabalhada” (LIMA, 2006, p. 27).

A literatura, até então, era tratada predominantemente – principalmente a partir do advento da Nova História – como fonte. Com o surgimento da virada lingüística, o conteúdo narrativo da própria forma como se escreve a História passou a ser problematizado. Peter Burke afirma que, na década de 1990, a narrativa histórica é tema de pelo menos dois debates, o primeiro dizia que “os historiadores deveriam considerar as estruturas mais seriamente que os acontecimentos”, enquanto o segundo afirmava “que a função do historiador é contar uma história” (BURKE, 1992, p. 330).

Consolida-se então uma discussão sobre a narrativa, sobre sua presença (ou ausência) na escrita do historiador e as implicações daí advindas. Enquanto alguns defendiam a volta da narrativa, outros declaravam que ela nunca desapareceu; havia ainda quem a tratasse com desdém, não admitindo a validade de sua existência na escrita da história, e quem a compreendesse como um discurso cujo princípio de realidade não era maior que o do discurso ficcional. É preciso salientar, no entanto, que a maior querela se deu entre os seguidores dos *Annales* e os integrantes da escola narrativista norte-americana.

O presente estudo, embora dialogue com tais debates realizados nos campos da História e da Literatura, não pretende perscrutar o quanto há de ficcional na narrativa historiográfica, nem o quanto há de histórico na ficção: o objetivo, aqui, é compreender a cultura histórica de Guimarães Rosa e de que forma ela aparece em sua obra. Será desenvolvido, sobretudo, um estudo sobre o modo como Rosa enxergava a História. Não será discutida, portanto, a importância da ficção do escritor mineiro para a historiografia brasileira. Embora não fosse seu propósito, Guimarães Rosa acabou dando muito relevo em sua obra à *História* (mais especificamente a certos aspectos da teoria e da filosofia da



História), bem como a categorias caras aos historiadores, o *Tempo* e a *Memória*. É sobre tais elementos que nos debruçaremos.

## 2 A HISTÓRIA DE GUIMARÃES ROSA

João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908, na pequena Cordisburgo, cidade mineira em que passou a infância e para onde retornava durante as férias escolares da juventude. Segundo o próprio escritor, sua obra está estritamente ligada ao fato de ter nascido no sertão. Graduiu-se em Medicina, mas desistiu da profissão para seguir carreira como diplomata. Foi cônsul-adjunto em Hamburgo, na Alemanha, em 1938. No país, conheceu Aracy Moebius de Carvalho, que viria a ser sua segunda esposa. Permaneceu na Alemanha até o rompimento diplomático do Brasil com aquele país durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942. Trabalhou ainda em Bogotá e Paris. Morreu em 19 de novembro de 1967, no Rio de Janeiro, três dias depois de ser agraciado com o título de “imortal” pela Academia Brasileira de Letras.

A obra de Guimarães Rosa era, então, composta por apenas cinco livros (*Estas Estórias* e *Ave, Palavra* foram organizados e publicados postumamente, em 1969 e 1970, e seu livro de poemas, considerado pelo próprio autor como uma obra menor, foi editado somente em 1997)<sup>2</sup>. Rosa começou a escrever tardiamente; no entanto, suas criações são temas dos mais variados estudos. É importante ressaltar que seus escritos surgiram no rastro da chamada literatura regionalista, mas se afastaram dela ao optar por temas universais e desenvolver um estilo de escrita bastante original.

A literatura rosiana se destaca pelas ousadias linguísticas; pela forte assimilação do pensar e falar popular; pela criação de neologismos e pela proposta de “libertação” da língua portuguesa. Paulo Rónai descreve, no prefácio de *Primeiras Estórias*, parte do processo de criação de Guimarães Rosa. Para ele, o escritor mineiro, apesar de ter feito sua aparição na literatura como escritor regionalista, não adotara as técnicas comuns nos regionalismo, como utilizar “linguagem” regional ao longo de todo o livro, restringi-la à fala dos personagens ou substituí-la inteiramente por uma linguagem literária e formal. Rosa teria adotado uma quarta solução, que “consistia em deixar as formas, rodeios e processos da língua popular

---

<sup>2</sup> Sagarana (1946), *Corpo de Baile* (1956) – posteriormente dividido em três volumes: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do Sertão* –, *Grande Sertão: Veredas* (1956), *Primeiras Estórias* (1962), *Tutaméia – Terceiras Estórias* (1967), *Estas Estórias* (1969), *Ave Palavra* (1970) e *Magma* (1997).



infiltrarem o estilo expositivo e as da língua elaborada embeberem a linguagem dos figurantes. (RÓNAI *apud* ROSA, 1967a, p. xiii-xix)”.  

---

Guimarães Rosa, por sua vez, afirmou, em carta a João Condé, que amava a língua; porém, não a amava como “a mãe severa, mas como a bela amante e companheira” (ROSA, 2001b, p. 24). O autor dizia, ainda, que havia dois componentes igualmente importantes em sua relação com o idioma: o primeiro era o fato de ele considerar a língua como elemento metafísico, e o segundo se referia às singularidades filológicas do português e do espanhol, que, segundo Rosa, seriam formadas por processos de origem metafísica, “muitas coisas irracionais, muito que não se pode compreender com a razão pura” (ROSA *apud* LORENZ, 1973, p. 337).

É necessário, ainda, levar em conta outros aspectos da não-vinculação de Rosa com a corrente regionalista em voga na sua época. Para o autor, o sertão é “afirmado como matriz da criação, mas deve ser entendido como um microcosmo onde vai-se desenrolar a aventura humana” (ALMEIDA, 2006, p. 279). Seu intuito era, segundo dizia, libertar o homem do peso da temporalidade<sup>3</sup>. Por outro lado, ele mesmo pretendia se inserir e se confundir com o espaço que retratou em sua obra: “Eu carrego um sertão dentro de mim, e o mundo no qual eu vivo também é o sertão”<sup>4</sup>, disse o autor. Por esse motivo, para Walnice Nogueira Galvão, a literatura de Guimarães Rosa assinala ao mesmo tempo o apogeu e o encerramento do Regionalismo. Kathrin Rosenfield, por sua vez, defende que o autor desligou-se das reflexões sociológicas tão comuns naquele período, inaugurando um fato novo na literatura brasileira enquanto imprimia ao sertão e ao sertanejo as marcas de uma experiência metafísica: “o sertão torna-se símbolo de uma travessia capital, ao longo da qual as coisas banais do mundo tendem a “verter” para dar lugar a algo próximo da visão religiosa: uma ‘compreensão’ aquém do intelecto” (ROSENFELD, 2006, p. 49).

Existe ainda uma passagem em que o próprio escritor elucidava o significado do sertão em sua obra e fala sobre a língua que optou por usar nas suas criações: “não do ponto de vista filológico e sim metafísico, no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievsky e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão” (ROSA *apud* COUTINHO, 2003, pp. 85-86).

---

<sup>3</sup> Guimarães Rosa afirma que Günter Lorenz foi o crítico que mais lhe causou alegria, pois havia escrito a compreendido que “que em Grande Sertão havia liberado a vida, o homem (...) do peso da temporalidade” (ROSA & MEYER-CLASON, 2003, p. 42)

<sup>4</sup> RODRIGUES, Ricardo. Viagens imaginárias: o sertão e as veredas de Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Manchete. 20 de julho de 1991, p. 37-45.



O trabalho aqui desenvolvido não pretende compreender a literatura rosiana como uma representação realista daquilo que é o sertão e dos fenômenos que lá ocorrem. Esta pesquisa tenta produzir uma perspectiva que leve em conta aquilo que a *história* que parece significar para o autor – o que leva a pensar em visões de tempo e espaço bastante diferentes daquelas que imperam no senso comum.

João Guimarães Rosa afirma que a palavra “arte” representa, para ele “um daqueles variados caminhos que levam do temporal ao eterno” e lembra que seus contos são “histórias adultas da Carochinha” (ROSA, 2001b, p. 24). A partir dessas afirmações – e da leitura dos contos e de estudos acerca da obra de Rosa – é possível afirmar que, mais que o tempo cronológico, é a eternidade que move suas “estórias”; infere-se ainda que suas narrativas pouco se preocupam com o valor de documento sobre o passado (não se pretendem “crônicas”<sup>5</sup>). O que parece permanecer acerca da relação mais profunda entre as histórias de Rosa e a História feita pelos historiadores é a necessidade de narrar e de atribuir sentido ao passado: é a partir dessas reflexões que foi desenvolvido este trabalho, que pretende pensar sobre a existência de uma “cultura histórica rosiana” (ou uma cultura “anti-histórica”).

Guimarães Rosa costumava afirmar com frequência seu desinteresse pela história e pela política. Num de seus estudos para obras, ele transcreveu a seguinte passagem de *Felicidade pela Agricultura*, de Castilho<sup>6</sup>: “POLÍTICA” – Só quando deixarmos de ser políticos, principiaremos a ser bons”<sup>7</sup>. É possível notar, no entanto, em sua biblioteca e mesmo nas entrelinhas de sua obra, numerosos aspectos destes dois campos da vida que o escritor dizia serem vãos.

Fernando Baião Viotti, em sua dissertação intitulada “Cartas de Guimarães Rosa a seus tradutores” lembra que, mesmo que os interesses mais prementes do escritor mineiro não sejam históricos, políticos ou sociais, sua obra está permeada por estes elementos e é possível “desentranhar da forma literária – às vezes mais, às vezes menos – a dimensão social representativa de um povo ou de uma época” (VIOTTI, 2007, p. 85).

O autor oferece uma fonte instigante acerca das impressões de Rosa sobre a Ditadura Civil-Militar no Brasil. A citação exposta a seguir consta em carta inédita do escritor à sua

---

<sup>5</sup> É possível perceber esse descompromisso especialmente nas “estórias”, já que não este trabalho não leva em conta os textos que compõem *Ave, Palavra*, livro em que podem ser encontrados, além de fragmentos de diários e um grande número de poemas, algumas reflexões de Guimarães Rosa sobre eventos que marcaram seu tempo, como a Segunda Guerra Mundial e a morte de John Kennedy.

<sup>6</sup> Antônio Feliciano de Castilho, escritor português filiado ao Romantismo.

<sup>7</sup> EO-018, p. 209.



tradutora americana, Harriet de Onís, e versa sobre “o grande movimento cívico-militar” que livrou o Brasil de João “Goulart e seus perigosos agitadores”:

E – como a Senhora terá acompanhado pelos jornais – o grande movimento cívico-militar que nos livrou de J. Goulart e seus perigosos agitadores se desenrolava aqui. (...).

Dois coisas me confortam, imensamente, no momento. Sua esplêndida “performance” com o nosso “The Little... Donkey”. E o fato de a rebelião contra o Governo ter partido do nosso Estado de Minas Gerais, e as tropas que se arrojaram, rápidas e disciplinadas, maciçamente, contra o Rio de Janeiro, foram as de Minas: descendo das montanhas, a nossa gente do sertão, do Grande Sertão, das Backlands (ROSA *apud* VIOTTI, 2007, p. 85).

Nessa citação, Guimarães Rosa afirma, a uma autora norte-americana, estar muito satisfeito diante da tomada de poder pelos militares e mesmo orgulhoso pelo fato de a suposta rebelião ter partido do estado onde nascera, Minas Gerais<sup>8</sup>. Há ainda uma passagem de carta sua a Bizzarri, eu tradutor italiano, em que se refere com certo apreço ao regime militar no Brasil:

Desde sua carta, última, amiga, boa, data de 12 de março [de 1964], muita coisa houve, além do nacional movimentão. (...) no dia 3, quando maiores eram aqui a atmosfera militar e o entusiasmo patriótico, chegou-me outro telegrama deles [dos editores italianos] (...) (ROSA & BIZZARRI, 2003. pp. 148-149).

As citações acima dão a ver que o próprio Guimarães Rosa compartilhava desse “entusiasmo patriótico”. Como afirma Viotti, tais comentários do autor revelam que sua adesão ao golpe de 1964 não se dava somente por possuir compromissos protocolares junto ao Itamaraty, mas “principalmente por simpatia pessoal ao movimento (ou antipatia ao governo Jango), posicionamento à direita que lhe será cobrado em anos posteriores pela intelectualidade brasileira e até mesmo fora do Brasil” (VIOTTI, 2007, p. 86). O editorial do *Jornal do Brasil* publicado em 21 de novembro de 1967 (dois dias após a morte de Guimarães Rosa) dava conta dessa especificidade da obra rosiana:

Ao contrário da maioria dos grandes escritores contemporâneos, Guimarães Rosa era singularmente não-engajado. Das duas grandes fontes da filosofia ocidental – Aristóteles e Platão – era pelo platonismo, pelo neoplatonismo, pelos místicos, pelos contemplativos. No pórtico do seu último livro, *Tutaméia*, Rosa respondeu aos que lhe cobravam engajamento dizendo que a “estória” é contra a “História”,

---

<sup>8</sup> Em 13 de março de 1964, João Goulart anuncia as reformas de base e apresenta o plano que envolvia mudanças radicais nas estruturas agrária, econômica e educacional do Brasil. Em 19 de março, a “Marcha da família com Deus pela liberdade” arrasta milhares de pessoas em protesto contra Jango pelas ruas de São Paulo. Em 31 de março de 1964, tropas de Minas Gerais e de São Paulo saem às ruas. Com vistas a evitar uma guerra civil, Jango deixa o Brasil e se exila no Uruguai.



isto é, a arte do escritor não se deve preocupar com o contingente, com as paixões do seu tempo. Deve procurar inserir-se na eternidade.<sup>9</sup>

Em entrevista ao crítico alemão Günter Lorenz, Rosa afirmou: “a política é desumana porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem. Deveríamos abolir a política” (ROSA *apud* LORENZ, 1973, p. 333). No “Seminário Internacional Guimarães Rosa: Cinquenta anos de *Grande Sertão: Veredas e Corpo de Baile*”, por sua vez, o crítico literário Antonio Candido lembrou uma conversa que teve com Rosa em 1966, quando o escritor mineiro lhe disse que “o problema social é um falso problema, o único problema real é saber se Deus existe” (ROSA *apud* VIOTTI, 2007, p. 111). Benedito Nunes, no mesmo seminário, recordou outra frase de Rosa acerca de suas reais preocupações: “Eu trocaria toda a minha obra por um segundo de certeza quanto à imortalidade da alma” (ROSA *apud* VIOTTI, 2007, p. 111).

Esse apelo soberanamente místico aliado a uma aparente despreocupação – ou mesmo cegueira – social se contradiz, no entanto, em textos menos conhecidos, tais como aqueles que constituem os *Diários de Caça* arquivados pelo Instituto de Estudos Brasileiros - IEB/USP. Num deles, o narrador encontra uma menina pobre no caminho da caçada e não consegue deixar de se preocupar com sua situação econômica:

Provavelmente sonhava com um vestido novo, bordado de rendas, todo cor-de-rosa e macio como o seu corpinho inocente. Olhei para os farrapos que cobriam a carne branca e tive uma imagem súbita, fulgurante do meu país. O destino dessa criança era, na certa, nunca atingir a adolescência caso sobrevivesse às moléstias, à subnutrição e falta de higiene, vegetaria uma existência marginal, cheia de privações, pobrezinha e anônima como a flor silvestre do sertão goiano.<sup>10</sup>

O narrador do texto chega a prometer uma boneca para a menina miserável, mas a criança desconhece o significado da palavra “boneca”, fato que abala o caçador sobremaneira:

Guardei na retina os traços da menina pobre. Nunca vira uma boneca: isto não me parecia tão grave como desconhecer o sentido da palavra. Lembrei-me de minha filha, Regina, rodeada de bonecas inglesas, francesas, italianas, espanholas, alemãs, portuguesas e brasileiras. Confesso que tive vergonha.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Editorial transcrito para o livro lançado pela Editora José Olympio “Em memória de João Guimarães Rosa”, que trazia depoimentos de diversas figuras públicas acerca da obra do escritor mineiro (1968, p. 155).

<sup>10</sup> DIÁRIO DE CAÇA, I - Julho de 1957 (Cx 14, 12.5, p. 16).

<sup>11</sup> DIÁRIO DE CAÇA, IV (Cx 14, 12.4, p. 12).



Este texto mostra, sem dúvida, um Guimarães Rosa muito mais realista que aquele geralmente estudado. Neste *Diário de Caça*, que parece guardar um misto de narrativa ficcional em germe e anotações baseadas em caçadas empreendidas pelo escritor, surge um sentimento de culpa aterrador, provavelmente comum ao próprio diplomata Guimarães Rosa que, vivendo num mundo de privilégios, se afastou das reais mazelas do Brasil, a despeito de manter seu encanto pelo saber oral perpetuado pela população pobre e iletrada do país.

Apesar dessas fissuras na forma e na temática geralmente trabalhada pelo escritor mineiro, Rosa reconhece o “pendor místico ou metafísico (...) como motor principal das suas invenções” (ROSENFELD, 2006, p. 48). Sobre este assunto, já é conhecida também a listagem do autor sobre os aspectos prioritários de sua obra, em que ele afirma: “como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los: a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico-religioso: 4 pontos” (ROSA & BIZARRI, 2003, pp. 86-91).

Ainda sobre as preocupações mais íntimas de Guimarães Rosa, há um comentário exemplar de Antonio Callado acerca de algo que ocorreu quando o jornalista carioca e Guimarães Rosa passavam uma temporada em Bogotá e se desenrolou o levante civil de 1948 conhecido como “El Bogotazo” (provocado pelo assassinato do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán). Guimarães Rosa teria “desaparecido” neste período. Ao reencontrá-lo, Callado teria tecido com o escritor mineiro o seguinte diálogo:

Quando ele reapareceu, eu disse: “Puxa, Rosa! Onde é que você andou?” E ele me respondeu: “Estava todo o tempo na residência do embaixador”. A casa ficava no bairro mais chique de Bogotá, era enorme e tinha um parque imenso. “Mas você não viu o que aconteceu em Bogotá? Puxa, parecia a história de Augusto Matraga, de tanto que mataram gente... Isso aconteceu no meio da rua, o tempo todo!” Foi então que ele me disse: “Ora, Callado, o que tenho que escrever já está tudo aqui na minha cabeça. Não preciso ver coisa alguma (...)”. – “Mas Rosa, olha, eu garanto que você ficaria impressionado. Foi um espetáculo terrível... O que você fez durante todos esses dias?” Ele disse: “Eu reli o Proust”. Vejam só! (...) Ignorou a cidade que pegava fogo porque já tinha todas as guerras de que precisava dentro da cabeça<sup>12</sup>.

Para Walnice Nogueira Galvão (2008, p. 92), Rosa representa uma síntese e ao mesmo tempo uma superação de duas vertentes: como os regionalistas, volta-se para o interior do país e põe em cena personagens plebeus e “típicos”, mas, como aqueles que se

---

<sup>12</sup> O presente depoimento de Callado pertence à seguinte obra: CALLADO, Antonio. *3 Antônio e 1 Jobim*. Depoimentos de Antonio Callado, Antonio Candido e Tom Jobim. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p. 81-82.



dedicavam ao romance espiritualista ou psicológico, ele se debruçou sobre assuntos metafísicos e costeou o sobrenatural, o transcendente.

Assim, Guimarães Rosa surge como um autor que vagueia entre as fronteiras. Esta característica do escritor mineiro foi imprescindível para que chamasse a atenção de pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento. Segundo Willi Bolle, embora existam inúmeros paradigmas de leitura da obra de Guimarães Rosa, as análises preponderantes se polarizaram nos últimos tempos em dois tipos de estudos: o primeiro é constituído pelas “interpretações esotéricas, mitológicas e metafísicas” (BOLLE, 2004, p. 20) e o grupo que se detém nesses temas é composto por estudiosos como Consuelo Albergaria, Francis Utéza, Kathrin H. Rosenfield e Heloísa Vilhena de Araújo. De acordo com Bolle, essas interpretações constituíram até recentemente a tendência predominante na recepção; o segundo grupo, por outro lado, se deteve em “interpretações sociológicas, históricas e políticas”. Foi inaugurado por Walnice Nogueira Galvão na década de 1970 e, a partir de 1990, suscitou novo interesse, dando origem a trabalhos como o de Heloisa Starling<sup>13</sup> e o do próprio Willi Bolle<sup>14</sup>. No I Seminário Internacional sobre Guimarães Rosa (1998), inclusive, a mesa temática “Leituras históricas de Guimarães Rosa” provocou, segundo Bolle, um longo, intenso e polêmico debate que parece perdurar polarizando, até hoje, os estudos sobre a obra do escritor mineiro.

A presente investigação pensa nos estudiosos de ambos os grupos como “bússolas” para a realização do trabalho. Apesar do predomínio de temas esotéricos, místicos e metafísicos relacionados às duas categorias aqui abordadas, as interpretações históricas, políticas e sociológicas não são descartadas. É indispensável mencionar, no entanto, a importância do trabalho de Suzi Frankl Sperber<sup>15</sup>, que é muito esclarecedor na medida em que aventa a possibilidade de que as concepções de memória e tempo em Guimarães Rosa estejam intrinsecamente ligadas às leituras filosóficas, religiosas e esotéricas que influenciaram o autor. Embora Sperber não se detenha sobre a temática do tempo ou da

<sup>13</sup> Em *Lembranças do Brasil - Teoria, política, história e ficção*, Heloísa Starling tenta apresentar, através da análise de alguns personagens de *Grande Sertão: Veredas*, dimensões do cenário político brasileiro que dificultaram a chegada do país à modernidade e à democracia.

<sup>14</sup> Willi Bolle, em *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*, defende a tese de que “o romance de Guimarães Rosa é o mais detalhado estudo de um dos problemas cruciais do Brasil: a falta de entendimento entre a classe dominante e as classes populares, o que constitui um sério obstáculo para a verdadeira emancipação do país” (BOLLE, 2004, p. 9).

<sup>15</sup> *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa* é fruto de uma pesquisa de Suzi Frankl Sperber, que teve como objetivo detectar os reflexos das leituras e preocupações espirituais nos temas e nas idéias de Guimarães Rosa. Para tanto, a autora empreendeu vasta e profunda análise dos livros que compunham a biblioteca do autor e da marginalia (grifos e anotações feitas nas margens dos livros) encontrada neles.



história, graças ao seu trabalho vêm à tona características da literatura rosiana que suscitam novas interpretações de sua obra. A partir de sua análise fica evidente a urgência de considerar reflexões de Guimarães Rosa como a que segue:

Como eu, os meus livros, em essência, são “anti-intelectuais” – defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente (ROSA & BIZZARRI, 2003, p. 90).

Partindo dessa fala de Guimarães Rosa ao seu tradutor italiano, fica evidente que seria intolerável desdenhar o peso das leituras esotéricas, religiosas e filosóficas de Guimarães Rosa, bem como sua defesa do primado poético sobre a razão e a lógica. Ver, em seus livros, apenas aspectos históricos ou sociológicos seria ignorar a aspectos explicitados por Guimarães Rosa em favor de hipóteses de pesquisa baseadas majoritariamente em aspectos pragmáticos (que, como já foi dito, não constituíam as maiores preocupações do escritor, embora frequentemente estivessem presentes em sua obra).

Cabe aqui ressaltar que o anti-intelectualismo (ou antirracionalismo) defendido por Rosa é uma característica presente no pensamento do Romantismo alemão, em que “a linguagem se rende ao ‘Sublime’, sob o signo do ‘Amor’ e da ‘Cordialidade’, que se afasta do espectro das lutas sociais” (ROMANO, 1981, p. 57). Essa “preferência pelo sensível” marcaria o pensamento conservador do século XIX. Nesse sentido, Guimarães Rosa se coaduna com Novalis e Schlegel, autores que consideravam a linguagem como um grande poema inacabado em que a humanidade representa a si mesma (Cf. ROMANO, 1981, p. 145). Roberto Romano explica, em *Conservadorismo Romântico – Origem do Totalitarismo*, que os Românticos tentaram constantemente rumar para fora da história. Para eles, “historiador” não seria aquele que “apenas reflete a temporalidade superficial e seu lugar, mas sobretudo quem atinge a camada permanente, bela, ‘em germe’, que subjaz aos meros acontecimentos” (1981, p. 157). Os acontecimentos sociais, assim como os acontecimentos físicos, se desenrolariam de forma independente da razão e da vontade humanas. Por esse motivo, os poetas se ocupariam não com a História mundial, mas com os “fenômenos mais próximos e mais insignificantes que lhes propõem em redução uma imagem do vasto mundo” (ROMANO, 1981, p. 160). Todos esses aspectos do pensamento Romântico alemão se assemelham às declarações de Guimarães Rosa sobre a linguagem, a



razão (ou “lógica”), a História e mesmo sobre o sertão, que seria, para o escritor mineiro, uma imagem reduzida do “vasto mundo”.

### 3 TUTAMÉIA E O *TEMPORAL* DE GUIMARÃES ROSA

A literatura rosiana incorporou características do mito, da lenda e do folclore que acabaram sendo relegadas não só pela historiografia, mas também por boa parte dos ficcionistas modernos. Os contos de Rosa parecem trazer de volta essas narrativas que ficaram bastante abandonadas nos séculos XIX e XX: as “estórias”<sup>16</sup> reunidas em *Primeiras Estórias* e *Tutaméia – Terceiras Estórias* encaminham a pensar nessa direção.

*Tutaméia* possui quatro prefácios que versam sobre a profissão de fé do escritor. Um deles, intitulado *Aletria e Hermenêutica*, esclarece o motivo do uso do neologismo “estória” no lugar da palavra “história”. Lá, o autor explica: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História” (ROSA, 1967b, p. 3). Segundo Gilca Machado Seidinger, Franklin de Oliveira<sup>17</sup> teria criticado essa abertura, afirmando que seria considerada esotérica e alienada. O autor, então, teria explicado: “[...] o ‘A estória contra a História’, / você, perjuro de Glória, / acho que não entendeu. / História, ali, é o fato passado / em reles concatenação; / não se refere ao avanço da dialética, em futuro, / na vastidão da amplidão. / Traço e abraço. João” (OLIVEIRA *apud* SEIDINGER, 2007, p. 382).

Assim, Guimarães Rosa explica que o que renega é a mera narração de acontecimentos passados em detrimento do que poderia haver de relevante no conhecimento derivado deles. Para Guimarães Rosa, a poesia se situa acima da História (ao menos acima daquela História que se guia pela lógica cartesiana e que cortou o cordão umbilical com a metafísica). O autor explica ao tradutor alemão, por exemplo, que em sua obra o plano concreto, documental, o “terra-a-terra” serve apenas como pretexto para o que realmente importa: a poesia e a metafísica: *sempre que estiver em dúvida, jogue o sentido da frase para cima, o mais alto possível. Quase em cada frase, o ‘sovrassenso’<sup>18</sup> é avante – solução poética ou metafísica. O terra-a-terra só serve como pretexto* (ROSA & MEYER-CLASON,

<sup>16</sup> De acordo com o *Dicionário Houaiss*, o primeiro registro do termo “estória” remete ao século XIII, enquanto sua variação, “história”, só surge no século XIV. Enquanto a “estória” se refere à “narrativa de cunho popular e tradicional”, a “história” já se vinculava a “pesquisa, informação, relato”. Deste modo, o termo cunhado por Guimarães Rosa não deve ser considerado como um neologismo derivado do inglês (“story”/“history”), mas como a retomada de um arcaísmo.

<sup>17</sup> Jornalista e crítico literário.

<sup>18</sup> Sovrassenso: *sens superposé* (senso superposto). EO-018, p. 185



2003, p. 259).

A partir daqui, é possível começar a vislumbrar os motivos que levaram o autor a afirmar que suas “estórias” deveriam ser “contra a história” e mesmo contra a “História”, com “H” maiúsculo, a ciência dos historiadores. Ora, o fato de ser contra algo pressupõe o conhecimento do objeto contra o qual o sujeito se interpõe. Então, antes de conduzir uma discussão sobre o motivo de o autor se colocar contra a História, é necessário fazer a seguinte pergunta: qual era a concepção de História de João Guimarães Rosa?

Na biblioteca de Rosa é possível observar grande número de títulos sobre história da Europa, do Brasil e de Minas Gerais, mas poucos livros escritos por autores que se dedicaram à filosofia da História. No entanto, como assinalou Suzi Sperber, o autor não tinha apego aos livros e muito do que leu ficou perdido pelas bibliotecas dos lugares onde viveu. Segundo a autora, ele procurou preservar sobretudo os volumes em que havia feito anotações. Entre os títulos de História que não se referem à Europa ou a Minas Gerais foram elencados por ela, por exemplo, a biografia de Comte, além de livros<sup>19</sup> de Huizinga, Burckhardt e Saint-Simon. Encontra-se ainda *Nordeste*, de Gilberto Freyre. Guimarães Rosa, inclusive, publicou uma “Nota sobre o autor” na primeira orelha deste livro. Ao responder, durante uma entrevista à pergunta de Fernando Camacho, acerca das influências que sofreu, ele afirmou ter lido também Walter Benjamin:

Sim, mas na mesma hora que eu leio tenho de fato paixão por aquilo, gosto imenso, de maneira que entra, deve ter entrado muita coisa. Mas, ao mesmo tempo, pobre de mim, entra outra coisa, entra tanta coisa, ficando tudo misturado (...) Julio Dantas, Fernando Camacho, Walter Benjamin, Goethe, Rubem Braga, Magalhães Júnior, Machado de Assis, Eça de Queiróz. Nada é alto demais. Nem baixo demais. Tudo é aproveitável.<sup>20</sup>

É importante ter em mente que “a biblioteca não era apenas repositório de ideias do autor sobre o mundo e as coisas (filosofias, religiões, mitologias e assim por diante) senão que se mostrava material básico para a elaboração de suas obras” (SPERBER, 1976, p. 116). Assim, é possível levantar a hipótese de que alguns dos teóricos lidos por Rosa podem ter influenciado sua escrita.

<sup>19</sup> Os livros listados são os seguintes: “BURCKHARDT, Jakob. *Brife*. Leipzig: Dietrichschen Verl, s/d.”; “SAINT-SIMON. *Mémoires Du duc de...*, pref. Louis Bertrand. Paris: Plon, 1946”; “CRESSON, André. *Auguste Comte, sa Vie, son Oeuvre - “Phisosophie”*, Paris: Puf, 1947”; “FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951”; “HUIZINGA, J. *Le Declin Du Moyen Age*. Paris: Medicis, 1946”.

<sup>20</sup> Entrevista concedida por Rosa a Fernando Camacho, no Palácio do Itamaraty, em abril de 1966. Cf. Cadernos de Literatura Brasileira. João Guimarães Rosa. Instituto Moreira Salles. São Paulo, n. 20-21, dez. 2006, p. 36.



Interessante notar que Guimarães Rosa possuía livros de Huizinga e de Benjamin em suas estantes, autores que ofereciam uma visão menos intelectualizante e mais poética sobre a história. Vico também parece estar presente nas entrelinhas do texto rosiano. Deste modo, firma-se aqui a hipótese de que o autor possuía certa cultura histórica que pode, inclusive, ter influenciado seu pensamento sobre o sentido da história.

Embora Guimarães Rosa afirme não querer contar o que efetivamente aconteceu, seus personagens declaram constantemente essa necessidade. As narrativas rosianas geralmente possuem a estrutura de uma história, giram em torno da experiência do passado e seus personagens tentam se orientar mediante as representações do passar do tempo. Portanto, Rosa não se interessou em fazer trabalho semelhante ao historiador ou ao do cronista, mas discorreu bastante sobre esses sujeitos através de seus personagens. Isso não significa que a história narrada por esses personagens é a história que interessa aos historiadores, e também não quer dizer que suas temporalidades e concepções de memória sejam aquelas utilizadas por aqueles que possuem o tempo como matéria do próprio ofício.

É possível perceber nos personagens de Guimarães Rosa uma constante vontade de compreender o sentido da vida. Mesmo que os eventos ocorram de maneira aparentemente absurda, há sempre um propósito. As coisas não se dão sem explicação ou sem indícios que possibilitem ao leitor a construção de um sentido. Guimarães Rosa tenta sempre indicar as causas dos eventos, mesmo que os personagens que os sofrem não estejam conscientes. Nesse sentido, é também anti-histórico: pouco importam as ações dos sujeitos. Seu fim, seu destino é frequentemente pré-determinado. Em seu diário, o “Náutikon”, Guimarães Rosa revela:

Numa anedota (em revista alemã) descobri ontem, penso, o sentido (será uma justificação minha?) o sentido profundo da necessidade de evasão (do banal e do desarmonioso quotidiano): um camponês explica como entende a atuação do estrume como adubo: a plantinha cresce logo, por querer livrar-se do mau cheiro e do repugnante contacto...<sup>70</sup>

Assim, num só parágrafo, o escritor fala de numerosos aspectos de sua obra, tais como o apreço pelo saber popular e pelas anedotas e, especialmente, a necessidade de evasão, a busca pela ordem do universo e a constante fuga do cotidiano. O próprio escritor afirma que se identifica com a plantinha da passagem acima: ele pretende, como ela, se livrar do “mau cheiro” e do “repugnante contato” com o mundo concreto e inconstante em que vive. Apresenta-se a pergunta: qual seria a estratégia engendrada por Guimarães Rosa



para fugir do tempo? Em carta a Vicente Ferreira da Silva datada de 21 de maio de 1958, por exemplo, ele proclama:

Desconfio que sou um individualista feroz, mas disciplinadíssimo. Com aversão ao histórico, ao político, ao sociológico. Acho que a vida neste planeta é caos, queda, desordem essencial, irremediável aqui, tudo fora de foco. Sou só RELIGIÃO – mas impossível de qualquer associação ou organização religiosa: tudo é o quente diálogo (tentativa de) com o  $\infty$ <sup>75</sup> (ROSA *apud* MONTEIRO, 2006, p. 56).

Para o escritor mineiro, “sem o fecho do eterno, vã é qualquer maravilha”<sup>78</sup>. As passagens citadas acima correspondem à imagem que Guimarães Rosa desejava projetar sobre si mesmo: a de um homem religioso – ou místico – avesso à política e à história e desejoso de falar apenas sobre o infinito, a eternidade. As afirmações de Guimarães Rosa apresentadas aqui, no entanto, devem ser consideradas com cautela. É preciso ter em mente que a imagem que o escritor Guimarães Rosa tentou construir sobre si não é, necessariamente, o reflexo de sua personalidade ou de suas preocupações.

#### **4. SE EU SERIA PERSONAGEM**

A estória aqui investigada trata de um homem que perde a amada para o amigo, Titolívio Sérvulo. Titolívio apresenta Orlanda ao narrador do conto advertindo que a considera “feia, frívola, antipática...” (ROSA, 1967b, p. 138). Apesar disso, depois de algum tempo, o narrador enamora-se pela moça e, por ser tímido, guarda em silêncio seu amor. Eis que, coincidentemente, Titolívio (ou simplesmente “T.”) começa também a notar a presença de Orlanda com outros olhos, reparando que ela é “boa, fina, elegante” (Ibidem, p. 138). Enquanto um dos rapazes amava Orlanda, o outro, T., a queria apenas para “namorico, o ilícito” (Ibidem, p. 139). Passado o tempo, T. efetivamente se enamora pela donzela e proclama sua paixão aos quatro ventos, enquanto o amigo continua a segredar o sentimento guardado. T. ia “do mito ao fato” (ROSA, 1967b, p. 139): resolvera desposar Orlanda. O amigo continuou a observar tudo calado, pensando: “Noiva e de outro, Orlanda? Então ela não era a minha, era a de T. então” e passou a coadunar “nula raiva com esperança incógnita” (ROSA, 1967b, p. 140). O rapaz sofre bastante até que o amigo apaixonou-se repentinamente por outra mulher, “certa a de Titolívio Sérvulo, a ele de antemão destinada”



(ROSA, 1967b, p. 140). E Orlanda, finalmente, por “secretos juízos do Altíssimo”<sup>21</sup> vem ao narrador, “da vida sem idéia nem começo” (ROSA, 1967b, p. 141).

“Titólívio” é um nome que alude ao autor de *Ab urbe condita*, o historiador romano Tito Lívio (cerca de 60 a.C. – 17 d.C.), conhecido por ter tentado realizar a façanha de contar ao longo de 142 livros (dos quais apenas 35 são hoje conhecidos) a história de Roma desde a sua fundação. Interessante é notar certa peculiaridade da obra de Tito Lívio: em seu livro nono, o autor sugere circunstâncias em que Alexandre, o Grande, poderia ter sido derrotado; com isso, escreve uma história alternativa, indicando não somente o que ocorreu, mas o que poderia ter ocorrido.

É preciso atentar para o fato de o narrador apontar, desde o início do texto, para termos próprios da hierarquia militar. Já no segundo parágrafo, afirma ser “soldadesca de algum general” (ROSA, 1967b, p. 138). Posteriormente, diz que concentrava sua energia passional e pulsante, “de bom guerreiro” (ROSA, 1967b, p. 139). Mais à frente, indaga: “quanto eu não dava, alferes<sup>22</sup>, para ter Orlanda?”. A partir de então passa a citar sua “arma” e o “general”: “E tugi-nem-mugi<sup>23</sup>, nisso eu não tendo voto; só emoção, calada como uma baioneta<sup>24</sup>. Tive-me. O general dispõe.” (ROSA, 1967b, p. 140). O narrador não poderia ir contra as tais ordens do general porque “a hora se fazia pelo deve & haver dos astros, não aliás e talvez. Tanto sabe é quem manda; e fino o mandante” (ROSA, 1967b, p. 140). Finalmente, quando se une a Orlanda, afirma que “tem-se de a algum general render continência” (ROSA, 1967b, p. 141).

Todas essas passagens estão ligadas à ideia do combate, do duelo oculto que se trava entre os dois amigos por causa de Orlanda. Cada personagem age com as estratégias e armas que lhes são próprias. Se Titólívio era “réu de grandes dotes faladores”, (ROSA, 1967b, p. 138), o narrador, por ser tímido, só pôde usar a seu favor o próprio silêncio:

Foi havendo amor. Entre mim tenho que aqui rir-me-ão, de no jogo omisso, constante timidejante, calando-me de demonstrações. Meu amor, luar da outra face, de Orlanda não ver. *Do que o da gente, vale a semente* — o que, acho, ainda não foi dito. T. sim saía-se, entretor (ROSA, 1967b, 139).

<sup>21</sup> CADERNO021, p. 22 – trecho que seria usado no conto “Se eu Seria Personagem”.

<sup>22</sup> Alferes: Termo antigo. Designa a patente de oficial abaixo de tenente (segundo-tenente). Cf. Dicionário Houaiss, 2004, p. 152.

<sup>23</sup> “Não tugar nem mugir”: ficar calado, sem dizer nada ou sem emitir qualquer som. Cf. Dicionário Houaiss, 2004, p. 2.783.

<sup>24</sup> Segundo o Dicionário Aurélio, “baioneta calada” é a que costuma estar armada na boca do fuzil, mosquetão, etc. O Dicionário Houaiss indica que é utilizada por soldados de infantaria em combates corpo a corpo.



Seria interessante pensar sobre a concepção cristã de providência e relacioná-la aos termos da hierarquia militar utilizados no conto, que evidenciam a personificação de um general que ordena e de soldados que cumprem. A crença na existência de ações realizadas graças a um “general” se assemelha àquela que deposita as esperanças nas ações da providência divina, segundo a qual Deus se encarrega dos acontecimentos, cabendo aos homens apenas aceitá-los mesmo sem entender seus motivos, pois “da vida, sabe-se: o que a ostra percebe do mar e do rochedo” (ROSA, 1967b, p. 139). No conto “Retábulo de São Nunca” também há um versículo do *Livro de Lucas* sobre esse tema: “*Servi inutiles sumus: quod debuimus fecere, fecimus*”<sup>25</sup> (ROSA, 2001a, p. 306). O narrador de “Se eu seria personagem”, por sua vez, afirma: “vou ao que me há de vir, só, próprio” (ROSA, 1967b, p. 139). Esses trechos de escritos rosianos trazem a recordação do livro de Jó (capítulo 7, versículos 1 e 2), que sustenta: “o homem vive na terra cumprindo um serviço militar, e seus dias são como o do diarista: tal e qual um escravo, ele suspira pela sombra e, como um diarista, espera pelo seu salário”.

Evidentemente, essa crença na providência divina é diametralmente oposta à noção de “sujeito histórico”. Seguindo José Carlos Reis em suas constatações sobre as modalidades de evasão do tempo, é possível afirmar que, dentre outras modalidades de fuga da temporalidade encontradas nas narrativas de Guimarães Rosa, a religiosa é a que aparece em “Se eu seria personagem”. Reis a caracteriza da seguinte maneira: [...] os eventos descontínuos expressariam a vontade de Deus, e, como presença de Deus, teriam uma continuidade, teriam sentido e seriam reais. Deus intervém (...) constantemente na história...” (REIS, 1994, p. 150). Não existem nesse conto acontecimentos que estejam desligados do sagrado: o universo ficcional do autor é totalmente sacralizado. Os eventos mais significativos são, na verdade, epifanias que levarão ao contato com o eterno.

Há neste conto, também, inequívocas relações com o Taoísmo. Desde cedo o escritor mineiro anotara em seu caderno intitulado “Religião” que:

This doctrine can easily degenerate into mere *laissez faire* and thus eventually Taoism became an easy-going fatalism, whereas the original teaching was nothing of the kind. For coupled with the doctrine of Tao is the teaching of *wu-wei*, the secret of mastering circumstances without asserting oneself against them<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> O décimo versículo do capítulo 17 do livro de Lucas recomenda: “Assim também vocês: quando tiverem cumprido tudo o que lhes mandarem fazer, digam: ‘Somos empregados inúteis, fizemos o que devíamos fazer’”.

<sup>26</sup> EO-017, p. 21. “Esta doutrina pode muito facilmente degenerar num mero *laissez-faire* e assim o Taoísmo eventualmente se torna um sereno fatalismo, enquanto o ensinamento original não era dessa espécie. Acoplado à doutrina do Tao está o ensinamento do *wu-wei*, o segredo de dominar as circunstâncias sem afirmar-se contra



Segundo Francis Utéza<sup>27</sup>, pesquisador que estudou a influência das tradições esotéricas do Oriente e do Ocidente em *Grande Sertão: Veredas*, o taoísmo defende que “o homem, elemento do Todo que o engloba, só tem poder (...) na medida em que as suas ações acompanham o movimento do universo, ou seja, quando se integram no Tao” (UTÉZA, 1994, p. 43). É importante deixar claro que o *wu wei* não é apenas uma omissão perante a vida, mas uma prática consciente, é a “fecunda inação”, uma condição de repouso que não é jamais atingida sem esforço.

Guimarães Rosa, em um de seus cadernos, definiu o autor do *Tao Te Ching* como “o-mais-que-filósofo Lao Tsé”<sup>28</sup>. No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, afirmou que “desde cedo, apenas, também (...) aprendera que ‘o sábio fia-se menos da solércia e ciências humanas que das operações do Tao’” (ROSA *apud* ROSA, V. 1999, p.493). É necessário conhecer, portanto, ao menos o capítulo 73 do *Tao Te ching* ou *Livro do caminho perfeito*, que aconselha *que os homens sigam o seu curso*:

A coragem impelida pela inquietação conduz à morte. A coragem contida e cautelosa conduz à vida. Dessas duas coragens uma é benéfica, a outra maléfica. Por quê? Por que algumas coisas são chamadas pelo Céu e outras rejeitadas? O sábio tudo observa com prudência e dificilmente toma uma atitude enérgica. O mandamento do caminho do Céu é de não intervir positivamente. Vencer sem lutar. Obedecer sem ordenar. Fazer vir sem apelar. Convencer sem falar. A teia do Céu é infinita. Suas malhas são largas e ninguém delas escapa (LAO TSÉ, 2008, p. 137).

A coragem contida, a “energia de bom guerreiro” acumulada não é covardia, mas sabedoria: “En el no hacer nada, nada queda por hacer”.<sup>29</sup> Esse trecho do *Livro do Caminho Perfeito* indica a possibilidade de haver no conto aqui analisado um guerreiro que consegue praticar o *wu wei*. Na transcrição de Guimarães Rosa do verbete “Lao Tzé” da Enciclopédia Britânica, o escritor mineiro destaca que o ensinamento do alquimista chinês no capítulo LXIII seria “not to act from any personal motive, to conduct affairs without feelings: the

---

elas”. Tradução nossa. No caderno de Guimarães Rosa não consta a autoria dessa passagem. Em pesquisa pela internet, no entanto, é possível constatar que o texto foi retirado de “WATTS, W. *The Spirit of Zen: a way of life, work, and art in the far east*. New York: Grove Press, 1958, p.36-37”.

<sup>27</sup> Francis Utéza menciona a presença do *Wu-Wei* em GSV (na batalha das Veredas Mortas). Cf. Cadernos de Literatura Brasileira. *João Guimarães Rosa*. Instituto Moreira Salles. São Paulo, n. 20-21, dez. 2006, p. 249-54.

<sup>28</sup> EO-015, p. 47.

<sup>29</sup> EO-015, p. 47.



trouble of them, to taste without being aware of the flavor, to account the great as small and small as great, to recompense injury with kindness”.<sup>30</sup>

A conduta do protagonista do conto parece ser estritamente guiada por esses ensinamentos. O narrador aqui estudado integra o grupo de personagens rosianas descritas por Liporaci “como espiritualmente mais avançadas, aquelas que se portam com resignação e fé diante daquilo que a providência lhes reserva” (LIPORACI, 2008, p. 50).

Existem nos enredos rosianos diversas tradições e crenças dissolvidas. Heloísa Vilhena de Araújo já mencionou essa peculiaridade da obra de Rosa em seu estudo intitulado *O Espelho*, que busca encontrar nos contos de *Primeiras Estórias* “certo helenismo cristianizado ou em via de cristianização” (ARAÚJO, 1998, p. 13). O próprio Guimarães Rosa, por outro lado, nunca afirmou seguir somente uma tradição: “Posso bem ser cristão de confissão sertanista, mas também pode ser que eu seja taoísta à maneira de Cordisburgo, ou um pagão crente à la Tolstói” (ROSA *apud* LORENZ, 1973, p. 349).

Guimarães Rosa grifou, em seus estudos para obras, uma passagem de Ouspensky<sup>31</sup> que dizia o seguinte: “All our life is based on this illusion. We always think that we are doing when, in reality, we are not doing anything – everything happens<sup>32</sup>” (OUSPENSKY *apud* DI AXOX, 2009, p. 47). O escritor mineiro repetiu essa ideia em carta ao tradutor alemão em que afirma que em sua *Weltanschauung*<sup>33</sup>, “as coisas ‘acontecem’, ninguém ‘faz’ nada, só pensa que faz” (ROSA & MEYER-CLASON, 2003, p. 242).

Deve-se notar na narrativa aqui analisada certa referência à influência dos planetas (indicada mais acima, quando o narrador se refere ao “deve & haver” dos astros). Ela faz recordar que é indispensável levar em conta a importância conferida por Guimarães Rosa ao pensamento de Ruysbroeck<sup>34</sup>. Seria útil sublinhar, por exemplo, o que Rosa afirma em carta a Paulo Dantas:

---

<sup>30</sup> EO-018, p. 189. “Não agir por nenhum motivo pessoal, conduzir os negócios sem sentimentos: o problema deles, experimentar sem ser consciente do sabor, contar o grande como o pequeno e o pequeno como grande, recompensar injúrias com delicadeza”.

<sup>31</sup> Matemático, escritor, jornalista e místico russo que viveu entre 1878 e 1947. Dedicou-se a pesquisar a existência de uma quarta dimensão.

<sup>32</sup> Tradução nossa: “Toda a nossa vida é baseada nessa ilusão. Nós sempre pensamos que estamos fazendo quando, na verdade, não estamos fazendo coisa alguma – tudo acontece”. A informação acerca deste grifo vem de Chiara di Axox (2009, p. 47), autora de dissertação sobre o misticismo na vida e na obra de Guimarães Rosa.

<sup>33</sup> Termo que significa “visão do mundo”, em alemão.

<sup>34</sup> Jan van Ruysbroeck é um místico belga que viveu entre o final do século XIII e meados do século XIV. Foi ordenado sacerdote em 1317 e, aos cinquenta anos, retirou-se para a floresta e passou a viver como ermitão. Criou um mosteiro e uma comunidade em torno do local, onde era procurado por aqueles que buscavam orientação espiritual. Em 1908, Ruysbroeck foi beatificado pela Igreja Católica. Escreveu, dentre outras obras,



Acredito que Krishnamurti seja a segunda encarnação de Cristo. Estudo muito as doutrinas. A sabedoria oriental me fascina. Não foi à toa aquelas epígrafes de Plotino ou Ruysbroeck, o Admirável para meu Corpo de Baile. São um complemento de minha obra. Sou um contemplativo fascinado pelo Grande Mistério, pelo *O anel ou a pedra brilhante* (ROSA apud DI AXOX, 2009, p. 30).

O escritor mineiro admirava o místico flamengo e chegou a incluir epígrafes de Ruysbroeck como complementos de seu *Corpo de Baile*<sup>35</sup>. Segundo Ruysbroeck, “os planetas regem e governam a vida sensível nos animais e nos homens” (ARAUJO, 1996, p. 386). Mais: o autor belga defende que todos possuem uma vida eterna, “razoável”, que foi dada por Deus, e uma vida mortal, que está submetida à influência do curso dos planetas (que agem sobre os homens obedecendo a ordens divinas):

Compreendem, agora, quem são os filhos segundo a natureza? São todos aqueles que estão submetidos aos elementos e permanecem sob a influência do curso dos céus e dos planetas; mas os filhos que nasceram de Deus dominam a natureza e estão livres destas influências dos céus e dos planetas, e todas as coisas lhe estão submissas (RUYSBROECK apud ARAUJO, 1999, p. 389).

O privilégio de não ser regido pelos astros é dado apenas àqueles que conseguem se afastar da vida terrena, os nascidos de Deus, ou seja, os iniciados. Não é o caso do protagonista de “Se eu seria personagem”, cujas atitudes parecem, no entanto, incluir conhecimentos tanto da filosofia oriental (taoísmo) quanto da tradição cristã, com fortes influências romanas.

É preciso salientar, no entanto, que constam no texto de Rosa diversas referências não apenas à eternidade, mas ao tempo. Ana Carolina Pinto indica: “Titolívio passa a ser chamado apenas pela inicial de seu nome, T. É pertinente lembrar que a mesma letra T usada para referir-se ao personagem Titolívio também é empregada para designar o tempo”. (PINTO, 2009, s/n). Figuram no conto, ainda, múltiplos e tenebrosos calendários e relógios, que lembram a terrível proximidade do casamento de Titolívio e Orlanda. O narrador explica que prefere esperar a agir, pois acredita ser “destinatário de algum amor” e sabe que “o tempo é que é a matéria do entendimento” (ROSA, 1967b, p. 139). Assegura que T.,

---

*O Adorno das Bodas Espirituais, O Espelho da Salvação Eterna e O Livro dos Sete Claustros*. Sperber encontrou na biblioteca de Guimarães Rosa quase todos os livros do eremita; o escritor mineiro usou vários trechos de *O Anel ou a Pedra Brilhante* (obra também escrita por Ruysbroeck) nas epígrafes de *Corpo de Baile*.

<sup>35</sup> Heloísa De Vilhena Araújo descobriu certa chave de leitura de “Corpo de Baile” que indicava que cada um dos setes contos da obra correspondia a um planeta. É importante lembrar que a tradição clássica definia o Sol, Júpiter, Marte, Mercúrio, Vênus, Saturno e a Lua como planetas. Além disso, “segundo a concepção dos antigos, os sete planetas giram em torno da Terra” (Araújo, 1992, p. 12), produzindo assim uma música (como defendia Pitágoras) e dançando como se o universo fosse um balé. Talvez por isso a obra leve o título “Corpo de Baile”.



pensando no casamento, se sentia “regozijado com o relógio” (ROSA, 1967b, p. 140). Afirma que sofria ao pensar em “Orlanda e uma data – o tempo, *t*?” (ROSA, 1967b, p. 140). Certamente “*t*” ainda era uma interrogação: será que o tempo faria de Orlanda a esposa de “*T*”? Ou seria ela a mulher “de antemão destinada” (ROSA, 1967b, p. 140) ao narrador?

O homem que vê a mulher desejada se casar com outro é um tema recorrente na obra rosiana, embora pareça não haver nenhum estudo que aborde este *leitmotiv* de pelo menos três contos de Rosa: “Retábulo de São Nunca”, “Páramo<sup>36</sup>” e “Se eu seria personagem”. Apenas em “Se eu seria personagem” a desgraça se reverte para que o narrador possa desposar a amada. Em “Retábulo de São Nunca”, Reisaugusto perde o amor de Ricarda Rolandina, que resolve se unir em matrimônio a Dr. Soande. Em “Páramo”, o triste evento parece ter acontecido numa encarnação anterior do protagonista. Neste conto, inclusive, aparece exatamente a mesma ameaça do “tempo *t*” (ROSA, 2001a, p. 281). Tanto em “Retábulo de São Nunca” quanto em “Páramo”, as mulheres enamoradas se vestem de preto, talvez numa alusão ao luto pelo amor perdido<sup>37</sup>.

“Se eu seria personagem” é o único dos três contos que, além de apresentar um final exitoso, conta com um protagonista que consegue se sentir resignado diante das desgraças e se entregar às forças do destino, da fortuna ou da providência divina. Em “Páramo”, o acontecimento parece ter deixado marcas profundas no homem que narra a história e em “Retábulo de São Nunca” não fica claro o sentimento rapaz que perde a amada. Somente o amigo de Titolívio Sérvulo tem uma atitude sábia, como indica o *Tao te ching*, e observa o desenrolar dos acontecimentos sem intervir.

#### 4 CONCLUSÃO

É possível observar neste conto de Guimarães Rosa um modo religioso de evasão do tempo, de consolação perante o terror do finito. O escritor mineiro demonstra, em “Se eu seria personagem”, uma noção que a historiografia romana de Políbio já apresentava: aquela que afirma ser necessário aprender a suportar o que a sorte traz. Collingwood assevera que o conceito *sorte* “assume grande importância dentro dessa concepção de história, dando-lhe um novo elemento de determinismo” (COLLINGWOOD, s/d, p. 50). No entanto, a tradição

<sup>36</sup> Ambos publicados postumamente em “Estas Estórias”.

<sup>37</sup> Num esboço de conto inédito que pode ser encontrado no arquivo do IEB, Rosa escreveu: “(...) Lembrava por vezes, de que, em seu casamento, Maria Moura estivera vestida de preto, e de uma beleza em que ele não pudera reparar bastante, no momento, ficando ela assim quase desconhecida”. (CX 14, 11, p. 2)



romana não é a única a figurar no conto, já que “a historiografia medieval (...) é – em certo sentido – uma continuação da historiografia helenística e romana” (COLLINGWOOD, s/d, p. 73). Acrescente-se a isso a influência do Taoísmo sobre a obra do autor mineiro. Assim, Guimarães Rosa empreende neste conto uma reafirmação do eterno e do divino e, para isso, apresenta nas entrelinhas de seu texto ideias de pensadores antigos, medievais e orientais que, como ele, tentaram fugir ao peso da temporalidade.

O autor valoriza o respeito que o romano antigo nutre pelas fatalidades regidas pela Roda da Fortuna, bem como a transposição dessa crença para o pensamento cristão da Idade Média. Aprecia também o saber milenar do taoísmo, a cosmogonia do místico flamengo Ruysbroeck, os textos do matemático russo Ouspensky e a ação da providência divina que perpassa os livros da *Bíblia Sagrada*. A impressão que se segue à leitura e análise deste conto é a de que o escritor procurou dialogar outros autores que procuravam caminhos para fugir ao “terror do tempo” e que concordariam com as críticas que Rosa faz à relevância dada pelos estudiosos de meados do século XX à ação humana em detrimento das imposições inexoráveis do destino, das Moiras, da Fortuna ou de Deus.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *Da visão realista à visão mitopoética: o sertão como microcosmo*. **Anais do Congresso Nacional do Cinquentenário de Grande Sertão**: Veredas & Corpo de Baile, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, Faculdade de Letras UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

ARAUJO, Heloísa Vilhena de. *A Raiz da Alma*. São Paulo: Edusp, 1992.

\_\_\_\_\_. **O espelho**: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1998.

\_\_\_\_\_. **O roteiro de Deus**: dois ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1996.

BIZARRI, Edoardo. *J. G. Rosa*: correspondência com seu tradutor italiano. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 2003.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Livraria Duas Cidades: Editora 34, 2004.

BURKE, Peter. *A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa*. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.



CADERNOS de Literatura Brasileira. **João Guimarães Rosa**. Instituto Moreira Salles. São Paulo, n. 20-21, dez. 2006.

CALLADO, Antonio. **3 Antônio e 1 Jobim**. Depoimentos de Antonio Callado, Antonio Candido e Tom Jobim. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

COLLINGWOOD, George. **A ideia de história**. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

DI AXOX, Chiara de Oliveira Carvalho Casagrande. **Sob o Tapatrava de Guimarães Rosa: o misticismo na vida e na obra de Joãozito**. 2009. 115 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica dório de Janeiro, 2009.

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA. **Em memória de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

LAO TSÉ. **Tao té ching: o livro do caminho perfeito**. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIPORACI, Vanessa Chiconeli. **A Providência nos interstícios das histórias rosianas**. 2008. 104 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). São Paulo: Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

MEYER-CLASON, Curt. **J. G. Rosa: correspondência com seu tradutor alemão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Editora da UFMG, 2003.

REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994.

RODRIGUES, Ricardo. **Viagens imaginárias: o sertão e as veredas de Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Manchete. 20 de julho de 1991, p. 37-45.

ROMANO, Roberto. **Conservadorismo romântico — origem do totalitarismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1967a.

\_\_\_\_\_. **Tutaméia - Terceiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1967b.

\_\_\_\_\_. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ROSENFELD, Kathrin. **Desenveredando Rosa: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.



SEIDINGER, Gilca. A “*vastidão da amplidão*” ou *Estória e História em Guimarães Rosa*. **Estudos Lingüísticos**, XXXVI, n. 3, setembro-dezembro, 2007, p. 378-384.

SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e cosmos**: leituras de Guimarães Rosa. *Duas Cidades*: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

STARLING, Heloísa. **Lembranças do Brasil**: teoria política, história e ficção em Grande sertão veredas. Rio de Janeiro, Revan/Ucam/Iuperj, 1999.

UTÉZA, Francis. **JGR**: metafísica do Grande Sertão. São Paulo: Edusp, 1994.

VIOTTI, Fernando Baião. **Encenação do sujeito e indeterminação do mundo**: um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores. 2007. 189 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

WATTS, W. **The Spirit of Zen**: a way of life, work, and art in the far east. New York: Grove Press, 1958.